

Escolas, professores e tecnologias

Ligia Karam Corrêa de Magalhães



Para falarmos sobre a presença de tecnologias na escola é preciso não perder de vista de que escola estamos falando, uma vez que este não é um conceito monolítico, destituído de história, de contexto, de classe social e dos sujeitos que as constituem. As escolas guardam especificidades, que corroboram a organização do sistema escolar dual, conforme o conhecemos.

A referência as tecnologias na escola, comumente nos reporta ao computador ou quaisquer outras tecnologias computadorizadas, capazes de, uma vez programadas, desenvolver tarefas para as quais foram criadas e/ou planejadas.

Embora cada vez mais presentes nas escolas, a utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) não cumpriu a promessa sobre a “revolução educacional” (1) que elas representariam para a educação como um todo, e no âmbito das escolas em particular.



Em pesquisa realizada em duas escolas inscritas em realidades distintas, uma voltada para as classes subalternas e, outra para as classes dominantes, investigamos os sentidos atribuídos às TIC no processo de escolarização. O discurso dos professores entrevistados apontou sentidos comuns, como o seu aspecto facilitador e dinamizador e, sentidos opostos, na medida em que os sujeitos, pertencentes a realidades díspares, têm acesso e modos de acesso que acabam por permitir o(s) seu(s) uso(s) em diferentes perspectivas, a partir da realidade econômica e social em que estão inseridos.

Na primeira, o discurso docente sugere que o acesso às TIC corresponde à saída para a “empregabilidade” dos alunos, considerando as deficiências da escolarização e as poucas oportunidades extra-escolares. Aqui as tecnologias são ditas salvadoras do processo ensino-aprendizagem. Questões alusivas ao para quê TIC na educação são postas em perspectiva instrumental, sendo negadas condições favoráveis para sua incorporação no trabalho escolar. Resta então o fetiche de que, se presentes, as TIC equacionariam as questões estruturais do ensino.

Na segunda, o discurso assume as TIC como suporte que pode conferir agilidade e inovação ao trabalho, através de modos de acesso que contribuam no processo ensino-aprendizagem, por estarem integradas tanto na vida escolar, quanto na vida pessoal e futuro profissional dos alunos, contemplando suas necessidades e interesses e sustentando possibilidades de trabalho autônomo e criativo.

A dualidade escolar, presente nos discursos dos professores, nos remete à teoria política de Gramsci (1991) (1), na discussão sobre a “escola interessada”, com sua função de reprodução social e a escola unitária, “desinteressada”, como instrumento crucial na luta pela transformação política e social, bem como sobre o papel dos educadores como intelectuais orgânicos das camadas populares, comprometidos com a transformação das atuais condições políticas, econômicas e sociais, de modo a não perpetuar escolas diferenciadas por classes: subalternas e dominantes.

O discurso dos professores apontou o fortalecimento da escola "interessada", com a incorporação das TIC aprofundando a dualidade, na medida em que é reforçada a divisão entre a escola profissionalizante/técnica, para as classes subalternas, atendendo ao mercado de trabalho, no cenário da "globalização"; e a escola para as classes dominantes, cujos processos formativos são pensados para manter esta condição, em que as TIC se constituem como parte do trabalho docente.

(1) A "revolução educacional" foi anunciada pelo Ministro Paulo Renato Souza, no lançamento do "Ano da Educação", em março de 1996.

(2) GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, 244p.

sobre o(a) autor(a):

Doutora em Educação, Integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação- ProPed – UERJ